

É HORA DE BRINCAR: JOGOS GRAMÁTICAIS COMO UMA ESTRATÉGIA PARA FACILITAR O ENSINO DE GRAMÁTICA

Erdenia Alves Santos ¹
Esdras do Nascimento Ribeiro ²

RESUMO

O ensino de gramática, muitas vezes, apresenta-se por meio de uma metodologia tradicional, mecânica e pouco atrativa aos alunos de ensino básico. Nesse sentido, este trabalho surge como uma proposta de, através da análise de práticas mais dinâmicas e interativas, fazer uma abordagem da gramática de forma menos convencional, mas que agregue saber aos alunos. Nosso propósito central é dialogar sobre o ensino da gramática e contribuir para a elaboração e/ou reformulação de práticas pedagógicas que auxiliem na formação linguística do aluno. Acreditamos na essencialidade dos saberes gramaticais, assim como defendemos sua contribuição significativa para a formação do indivíduo. Assim, este artigo discorrerá acerca das práticas de ensino da gramática, propondo uma avaliação de como novas metodologias de ensino de gramática em sala de aula contribuem para o desenvolvimento acadêmico e linguístico dos alunos. Propõe-se, ainda, evidenciar a importância do papel do professor como sendo fundamental nesse processo de mediação, já que ajudará a construir a ponte entre aluno e gramática, tornando esse capaz de entender que os conhecimentos linguísticos adquiridos em sala de aula não podem nem devem encerrar-se nela, pois como falantes, precisamos ter domínio das normas que regem nossa língua materna para que saibamos adequar-nos a quaisquer situações linguísticas.

Palavras-chave: Gramática, Professor, Aluno, Ensino.

INTRODUÇÃO

Desde os anos 80 o ensino de gramática vem passando por adaptações, principalmente no que se refere a sua abordagem em sala de aula. Os métodos mais ortodoxos que primam pelo ensino descontextualizado e vazio das regras de uso da língua começam a dar vez a práticas mais reflexivas e significativas do português. Se, por definição, a Gramática é aquela que designa as regras que regem o uso de uma língua, em especial, o modo como as unidades desta se combinam entre si para formar unidades maiores, na prática a heterogeneidade linguística exige de seus falantes muito mais que conhecimento de regras. Exige resiliência para adaptar-se às diversas situações

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, professora da Educação Básica (SEDUC - CE), erdenialves@gmail.com;

² Mestre em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, professor da Educação Básica (SEDUC - CE), esdras.ribeiro2013@gmail.com

comunicativas do dia a dia que, muitas vezes, fogem dos limites impostos pelos padrões gramaticais ensinados em sala de aula, ano após ano, o mesmo conteúdo, as mesmas regras, por vezes descontextualizadas e sem que percebamos que estamos ensinando, repetidamente, algo que os alunos já sabem, ou pelo menos, deveriam saber. Como afirma Veiga,

A escola não pode se limitar à função de ensinar. Dela são exigidas, cada vez mais, a função de ensinar e a ocupação educativa dos tempos livres com ações pedagógicas. A escola deve ser cada vez mais próxima à realidade. Muitos dos problemas enfrentados por ela relacionam-se com a crescente diversidade cultural e social dos alunos. No entanto, essa diversidade pode ser encarada não apenas como um problema, mas também como uma força, caso o currículo deixe de ser homogêneo e passe a dar espaço e voz à própria escola. (VEIGA, 2009, p. 15)

É, por isso, que se torna imprescindível pensar em métodos e atividades de gramática a partir de uma perspectiva de ensino que torne o aluno um protagonista do processo de ensino-aprendizagem, de maneira que formação deste contribua, também, para o processo de aquisição do conhecimento de outros membros da comunidade escolar.

É nesse sentido que este trabalho tem como objetivo analisar práticas mais dinâmicas e interativas de levar a gramática para sala de aula. Com o intuito de discutir como um ensino menos convencional pode contribuir para um aprendizado que ultrapasse as fronteiras da escola e que permita o aluno dominar as regras de seu idioma bem como utilizá-lo adequadamente em diversas situações comunicativas, reduzindo a antipatia dos alunos por sua própria língua, tida para a maioria como um idioma difícil, chato, cheio de regras e muitas exceções, é que discutiremos estratégias de ensino da gramática que envolvam os alunos neste processo, através de dinâmicas e, não menos importante, dos jogos gramaticais que proporcionam ao educando a oportunidade de construir e transmitir conhecimento.

Para tanto, é preciso considerar, ainda, quais as práticas de ensino de gramática estão sendo desenvolvidas no espaço escolar, como estão sendo desenvolvidas e de que maneira implicam na formação do aluno enquanto usuário de sua língua. Hoje, fica cada vez mais nítida a importância do ensino de uma gramática contextualizada, pois esta é, indubitavelmente, uma ferramenta que proporciona o desenvolvimento de diversas habilidades acadêmicas do indivíduo, assim como propicia a aquisição de diversos saberes, sendo que é por meio da língua que lhe chegam informações.

Para Antunes,

[...] a *gramática*, enquanto elemento constitutivo das línguas, é *sempre contextualizada*, uma vez que nada do que dizemos – oralmente ou por escrito – acontece em abstrato, fora de uma situação concreta de interação. Existe sempre *um contexto* social qualquer, onde o que dizemos pode assumir um determinado *sentido* e cumprir uma determinada *função comunicativa*.

Além disso, não usamos a linguagem dissociando o que é fonológico, lexical, morfológico, sintático, semântico e pragmático. Em nossas ações verbais, todos esses contratos perdem os seus limites e misturam-se, integram-se, inseparavelmente, uns dependentes dos outros, uns inseridos nos outros, de modo que, somente por um exercício de análise, dá para identificar o que seria próprio de cada um.

Portanto, toda atuação verbal – da qual a gramática é parte substancial – é irremediavelmente *contextualizada*, situada, ou seja, acontece numa dada situação social; é, também, irremediavelmente *cotextualizada*, no sentido de que cada unidade vale pela relação com as outras e com o todo. (ANTUNES, 2014, p. 39 – 40)

Ao que se pode deduzir que o ensino isolado da gramática peca e negligencia a construção do saber linguístico. E é por entender a linguagem como um ato de interação social que se faz necessária, o quanto antes, uma mudança nessa prática antiquada de apresentar as normas gramaticais em sala de aula, pois o ensino de gramática deve ser tomado não como processo superficial e vazio, mas como um meio de apropriação dos mecanismos constituintes da língua que nos permitem utilizá-la de forma diversificada. Somando-se a isso, pode-se ressaltar o fato de que o conhecimento contextualizado desses mecanismos linguísticos é essencial para leituras mais compreensíveis, posto que os documentos norteadores para o ensino médio e os próprios processos seletivos estão se adaptado às novas propostas de ensino de uma gramática contextualizada, o que muito contribuiu para o desenvolvimento de pesquisas na área, da mesma forma que promoveu o incentivo de novas práticas dentro do âmbito escolar.

Entretanto, é válido lembrar que, por vezes, nós, professores, temos a tendência de resistir, pela própria tradição pedagógica, aos novos meios de ensino. Essa prática, fomentada, muitas vezes, pelo excesso de trabalho, falta de tempo, apoio e material pedagógico castra as possibilidades de abrir portas para uma renovação pedagógica e para a oportunidade de tornar o processo de ensino-aprendizagem mais favorável. Faz-se urgente uma escola de professores mais reflexivos, que pensem, criem e ajam dentro do ambiente escolar.

Segundo Alarcão,

A noção de professor reflexivo baseia-se na consciência da capacidade de pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano como criativo e não como mero reprodutor de ideias e práticas que lhe são exteriores. É central, nessa conceptualização, a noção de profissional como uma pessoa que, nas situações profissionais, tantas vezes incertas e imprevistas, atua de forma inteligente e flexível, situada e reativa. Na concepção schöniiana (schön, 1983, 1987), uma atuação desse tipo é produto de uma mistura integrada de ciência, técnica e arte e evidencia uma sensibilidade quase artística aos índices, manifestos ou implícitos, na situação em presença. (ALARCÃO, 2011, p. 44)

No entanto, faz-se necessário que sejam dadas possibilidades para que o professor possa aderir às formações continuadas, dedicar-se ao planeamento e elaboração de aulas dinâmicas, criativas, contextualizadas e reflexivas. Muito se exige deste profissional quando, na maioria das vezes, ele já está sobrecarregado com o cumprimento do currículo obrigatório e de tantas outras atribuições que o seu cargo agrega. Torna-se cada vez mais inviável ao professor adaptar-se às mudanças pedagógicas e construir um espaço reflexivo em sala de aula. O contexto educacional adquiriu novas formas, a escola acaba enfrentando muitas dificuldades até conseguir se adaptar a essas mudanças e, principalmente, à nova realidade dos alunos. Discentes com perfis totalmente diferentes daqueles com os quais a escola estava acostumada a lidar. Agora, prender ou até mesmo chamar a atenção desses sujeitos para o conteúdo tornou-se um verdadeiro desafio, o que se torna cada vez mais árduo em concorrência com a internet.

Somando-se a isso temos o fato de não serem os professores do ensino básico que escolhem os programas, autores e perspectivas de análise do material didático com que se trabalhará em sala de aula. O problema aqui torna-se ainda mais evidente, dentre os inúmeros percalços enfrentados pelo professor de língua portuguesa, não haver uma formação acadêmica que o possibilite manusear ferramentas pedagógicas com desenvoltura é só o começo de um ciclo, estabelecido predominantemente em um único lugar, o início e o fim de uma má formação ou deformação do ensino de gramática, que o impede de tecer seu trabalho, a universidade.

É preciso lembrar que a universidade precisa ser a primeira a proporcionar uma formação que possibilite novas perspectivas de abordagem pedagógica em sala de aula, aquela que incentiva uma formação que se apresente em seu caráter permanente de busca, porque é isso que faz a educação,

A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o a sua perfeição. A educação, portanto, implica uma

busca realizada por um sujeito que é homem. O homem deve ser sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. FREIRE. 2014, p, 34

É certo que se faz necessário um investimento na formação dos professores, para que sob essa nova ótica do ensino de gramática, transformem-se em professores que leem (sempre mais), professores-leitores dispostos a renovarem suas metodologias. Redefinindo a prática pedagógica, banindo-se o esvaziamento da língua, buscando o êxito na atuação, o professor será acima de tudo um sujeito mediador, um estimulador do debate, da percepção dos mundos além das páginas da gramática, do diálogo entre os universos comunicativos de diferentes contextos. E dessa forma, o fim último do ensino da gramática se alcançará: conquistar alunos que entendam que a gramática por mais que não seja a língua falada por um indivíduo, é essencial porque norteia o falante no uso dos mecanismos linguísticos necessários em situações comunicativas de maior formalidade.

Ensinar gramática em um contexto tão adverso como o de hoje requer uma mudança drástica na maneira de transmitir esse conteúdo. Para TODOROV, 1939, p, 41 “O professor do ensino médio fica encarregado de uma das mais árduas tarefas: interiorizar o que aprendeu na universidade, mas, em vez de ensiná-lo, fazer com que esses conceitos e técnicas se transformem numa ferramenta invisível.” É nítido que sozinho nesse mar de conflitos, imposições e reais necessidades de como se trabalhar gramática em sala de aula, o professor de língua portuguesa encontra-se de mãos atadas. Em sua formação acadêmica muitas vezes preponderou a teoria em detrimento da apreciação da língua como organismo vivo e multifacetada e, agora, exige-se dele que faça o oposto em sala de aula. O professor “deveria” deter o conhecimento suficiente para suprir as lacunas deixadas por sua formação, no entanto deve traçar esse percurso, que deveria ter sido iniciado na universidade, sozinho, isso porque

O professor deve ser um perito em textos, deve ter informações sobre leitura, via currículo, via atualização permanente, pois ‘não há dúvida de que os profissionais partilharem informação teórica fundamental, resultante das pesquisas em curso, é o meio mais rápido de modificar as práticas pedagógicas’ FOUCAMBERT, 1981 *apud* MAIA 2007, p,162.

Acredita-se que um método de educação imutável, que não propõe refletir, que não entende nem se adapta às constantes transformações do cenário educacional, em nada contribui para uma formação significativa do indivíduo. Portanto, pensar em estratégias de ensino-aprendizagem no que se refere à língua, suas normas e em uma formação adequada para os docentes de língua portuguesa, a partir da perspectiva de uma pedagogia

que liberta, transforma e ajuda a tornar-se mais crítico, auxiliará na formação cognitiva e social dos alunos, sujeitos em construção e em constante aprendizagem. Para isso, é necessário que o aluno construa expectativas positivas em relação a essa apropriação das regras gramaticais, pois, a partir do momento que ele se falante e detentor das ferramentas linguísticas necessárias, ele vai poder caminhar, de forma independente, pelas diversas situações comunicativas existentes. Essa autonomia, por consequência, irá levá-lo a desenvolver suas habilidades linguísticas, a atribuir novos sentidos aos textos e a própria realidade, bem como tornar-se, ainda, um agente propagador desse conhecimento.

METODOLOGIA

Visando a necessidade de levar o ensino de gramática de uma forma lúdica aos alunos, aqui alunos de 1º e 2º ano do ensino médio de uma escola da rede estadual da cidade de Juazeiro do Norte, Ceará, este trabalho consiste, primeiramente, em uma relevante pesquisa e leitura bibliográfica de autores como: ALARCÃO, ANTUNES, FREIRE, MAIA e VEIGA. Em segundo lugar, fundamenta-se em desenvolvimento de estratégias, como dinâmicas e jogos gramaticais no intuito de apresentar o conteúdo gramatical de forma lúdica e atrativa, partindo sempre do conhecimento prévio dos alunos sobre o assunto em questão.

E, por último, embasa-se no desenvolvimento e análise de oficinas de confecção de jogos gramaticais que consistiram em possibilitar a aproximação dos alunos com o universo gramatical, dando-lhes a oportunidade de estudar e, ao mesmo tempo, aplicar o conhecimento adquirido. Assim sendo, foram desenvolvidas estratégias para socializar a criação e a prática desses jogos, tanto pelos alunos como por professores de outras áreas que se dispuseram a participar das oficinas dando a estas um caráter interdisciplinar, mostrando que a língua é importante em todas as áreas do conhecimento, fato interessante que possibilitou o estímulo para que dessem continuidade aos projetos de linguagem, contribuindo, ainda, para romper a ideia de que só se deve atentar às questões gramaticais nas aulas de português.

Procurou-se, também, fugir do estreito espaço da sala de aula, nas rodas de discussão e produção dos jogos ia-se para a área verde da escola – um espaço ao ar livre em meio a árvores onde se sentiam à vontade para conversar sobre os esboços dos jogos de cada equipe -, para a biblioteca, para o refeitório para que os momentos acontecessem

da maneira mais leve e descontraída possível.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pensando na realidade da escola no que se refere a disponibilidade de materiais de apoio bem como no poder aquisitivo dos alunos, algumas estratégias foram pensadas no sentido de facilitar o desenvolvimento dos jogos em duas turmas de 1º ano e duas turmas de 2º ano do ensino médio da Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Presidente Geisel, na cidade de Juazeiro do Norte, Ceará.

Em relação à distribuição das equipes, foram formados cinco grupos de oito alunos em cada turma. Em linhas gerais, cada sala apresentaria cinco jogos diferentes que abordassem o conteúdo de gramática visto em sala.

Todo esse processo se desenvolveu a partir dos conhecimentos prévios dos alunos. Antes que eles comessem a planejar seus jogos, que culminariam numa grande competição entre as turmas, todo o conteúdo gramatical exigido no currículo obrigatório de cada série lhes foi apresentado por meio de jogos levados pela professora como batalha naval linguística, jogo de tabuleiro gramatical, soletrando, baralho linguístico etc.

Quanto aos jogos deles, cada equipe precisa pensar em um jogo novo ou adaptado que seja possível jogar, que apresente regras consistentes, que seja criativo e esteticamente interessante (já que serão avaliados também na disciplina de artes).

Durante o desenvolvimento dos jogos pode-se observar que além do desempenho acadêmico e criativo, os alunos também desenvolvem um nível de coletividade e compromisso muito interessante, a competitividade entre as turmas faz com que as equipes de cada turma trabalhem lado a lado para que sua sala fosse vitoriosa.

Já no que diz respeito à aquisição do conhecimento gramatical, pode-se afirmar que aconteceu de forma bem mais espontânea, visto que eles mesmos pesquisavam alguma dúvida quando precisavam e, raramente, apresentavam dúvidas que não podiam ser dirimidas entre eles, assim, ao passo que aprendiam, ensinavam uns aos outros, tirando a pressão do ter que saber, muitas vezes acompanhado da “decoreba”. Como as equipes precisavam estar preparadas para a competição, a maioria acabou estudando para saber quando as equipes rivais cometeriam algum erro para recorrerem aos professores de português que eram avaliadores das situações peculiares da disputa.

Visto a diversidade de jogos apresentados do dia da competição final, para avaliá-los foram levados em consideração critérios como: criatividade, organização do jogo, desempenho da equipe, participação nos jogos de outras turmas, e, claro, a maneira como abordaram o conteúdo.

Ao tentar traçar o perfil de aluno que conhecemos hoje, percebemos que prender sua atenção exige muita criatividade e dinamismo. Por isso, os jogos gramaticais não tiveram a caracterização de um trabalho escolar, mas de um momento de brincadeira que envolvia estudo e diversão. Não propusemos, em nenhum momento, esvaziar a ludicidade daqueles momentos, interferindo nas decisões dos alunos ou mencionando atribuição de nota. As discussões acerca dos jogos aconteciam de forma espontânea e os alunos buscavam sugestões até mesmo com professores de outras disciplinas.

O trabalho foi realizado em 2019, promovendo estratégias que aconteciam semanalmente, em uma das aulas de gramática (podendo este momento ser destinado à discussão dos jogos propostos ou ao teste do jogo de alguma das equipes para verificarem como se daria a execução deste), o que evitava o esgotamento dos grupos fora do horário de aula, já que a escola é de tempo integral e os alunos dispõem de pouco tempo extra para atividades excepcionais. Era uma ótima forma de ajudá-los a construir e confeccionarem os jogos dando-lhes a autonomia necessária para que o projeto tivesse a cara deles, que eram os protagonistas.

Pensando, também, na realidade financeira desses alunos, foram desenvolvidas ações (bingos e rifas) que auxiliassem os mesmos a arrecadarem dinheiro para a produção dos jogos bem como para as premiações dos participantes. As atividades desenvolvidas durante o quarto bimestre de 2019, sendo um mês e meio para o esboço, organização, definição e produção dos jogos, outros quinze dias para análise, teste e ajuste das equipes. A realização da competição final deu-se no encerramento do bimestre com a participação de professores e de alunos de outras turmas convidadas a jogarem durante o período da manhã.

Como mencionado, a diversidade de jogos era enorme. Cada sala contava com cinco equipes e, portanto, cinco jogos, alguns deles listados abaixo:

- ✚ Circuito gramatical;
- ✚ Passa ou repassa;
- ✚ Boliche das figuras de linguagem;
- ✚ Basquete das classes de palavras;

- ✚ Qual é a música (figura de linguagem);
- ✚ Show do milhão;
- ✚ Na ponta da língua;
- ✚ Pescaria linguística;
- ✚ Jogo da memória;
- ✚ Dominó linguístico;
- ✚ Caça ao tesouro;
- ✚ Trilha gramatical;
- ✚ Estoura balão;
- ✚ Na mira;
- ✚ Etc.

Cada equipe deveria apresentar as regras aos participantes convidados para que pudessem jogar sem prejuízos. Assim como cada membro da equipe deveria ter uma função definida para auxiliar os competidores. Os grupos também deveriam fazer rodízio nas atribuições das funções para que pudessem sair e participar dos jogos das outras equipes. Quando ocorria a participação de algum professor, aconteciam também a avaliação do jogo segundo os critérios de organização, criatividade, praticidade, logística e execução dos jogos. Qualquer professor poderia jogar e avaliar nos aspectos apontados, mas apenas os de língua portuguesa avaliariam no que se referia ao conteúdo.

Os próprios alunos procuravam, de forma independente, maneiras de acompanhar o desempenho das demais equipes e de, ao mesmo tempo, se autoavaliarem, por mais que a figura do professor estivesse sempre presente, acompanhando de perto e verificando as dificuldades que eles apresentavam nos intervalos ou contra turnos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer a própria língua é essencial para o ser humano, seja na construção do seu conhecimento, na formação de uma consciência crítica, no aprimoramento das competências e habilidades linguísticas ou atuando como agente transformador do indivíduo enquanto ser social. É por este motivo que, neste trabalho, ressaltamos sua importância, bem como a relevância do papel do professor diante da formação de alunos para que entendam a importância de dominar os mecanismos linguísticos e saber adequá-los aos diversos contextos comunicativos e como metodologias mais dinâmicas e lúdicas

no que se refere ao ensino gramática podem refletir positivamente em diversos aspectos da aprendizagem do aluno.

Nesse contexto, é importante perceber que a sala de aula passa a ser a variedade de sujeitos, de objetos de leitura, de práticas sociais e de uso variado da língua. A proposta aqui apresentada consiste em um exemplo prático do trabalho com a gramática em sala de aula por meio de jogos que proporcionam o contato com o conteúdo aliado à diversão. E como uma forma de apresentar ao aluno uma gramática que vai muito além das regras do português, mas que contribui para que possamos saber como usar os mecanismos linguísticos em diversas situações comunicativas.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva.** – 8. ed. – São Paulo: Cortez, 2011
- ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada – limpando “o pó das ideias simples”.** 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** – 36 ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2014
- MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores.** São Paulo: Paulinas, 2007.
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Trad. Caio Meira. – 5. ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A aventura de formar professores.** Campinas, SP: Papyrus, 2009